

Verdade através da ficção na poética digital de E-imigrações**Truth through fiction in the digital poetics of E-imigrações**

Marisa de Oliveira Gomes¹
Universidade Federal do Piauí

Luizir de Oliveira²
Universidade Federal do Piauí

Resumo

Os conceitos de verdade e ficção, ou realidade e invenção, ou até o uso da liberdade poética para florear acontecimentos, são discussões que permeiam a literatura desde antes do seu surgimento como tal. Neste artigo, busca-se analisar a obra literária digital *E-imigrações*, sob o conceito de verdade através da ficção, de Davies (2016), aliado ao que é ficcional dentro de uma obra, de Iser (2002). Diferente do que se faz comumente com as obras digitais, em que se busca entender as diferenças de estrutura ou funcionamento, a análise aqui se faz no campo da essência do texto e os sentidos produzidos com o recurso da ficção. Ao fazer uso das ferramentas teóricas, a aplicação delas revela que apesar das múltiplas possibilidades estruturais, as obras produzidas para a leitura no computador também fornecem material que mescla realidade, ficção e imaginário.

Palavras-chave

Verdade ficcional. Ficção. Literatura digital

Abstract

The concepts of truth and fiction, or reality and invention, or even the use of poetic freedom to describe events, are discussions that have permeated literature since before its emergence as such. In this article, we seek to analyze the digital literary work *E-imigrações*, under the concepts of truth through fiction, by Davies (2016), combined with what is fictional within a work, by Iser (2002). Unlike what is commonly done with digital works, in which we seek to understand differences in structure or functioning, the analysis here is conducted in the field of the essence of the text and the meanings produced using fiction. When making use of theoretical tools, their application reveals that despite the multiple structural possibilities, the works produced for reading on the computer also provide material that mixes reality, fiction, and imagination.

Keywords

Fictional truth. Fiction. Digital literature

¹ Mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Membro do Grupo de Pesquisa em literatura, artes e mídias da Universidade Estadual do Maranhão. <https://orcid.org/0009-0006-7667-8610>

² Professor Titular do Departamento de Filosofia, professor permanente do Mestrado Profissional em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo. Dedicou-se à investigação temática da confluência entre Ética e Estética, com ênfase nas interfaces entre a Filosofia e a Literatura. <https://orcid.org/0000-0001-5333-8580>

Verdade ou Ficção?

Conceituar verdade talvez seja uma das tarefas mais complexas que a filosofia já se deparou, talvez porque dependendo do ponto de vista, é possível encontrar uma “verdade” em cada face do termo. Desde Platão (1993), ou até antes, já se discutia o que seria verdade ou não nas representações artísticas, por exemplo. Segundo o filósofo grego, os atores não conheciam a verdade, apenas a imitavam. A mimese, para esse, se baseava na representação em cena (no caso, o teatro grego) de virtudes nas quais os atores não possuíam, a priori, ou seja, a arte era uma forma de enganar quem a vê. Então, o teatro seria a representação do real, mas não a realidade em si mesma, ou a verdade como fato concreto, mas a encenação dessa.

Ao avançar alguns séculos no decorrer da história, encontra-se em Nietzsche (2007) um ensaio sobre a verdade e a mentira que regressa às origens do conhecimento e da própria humanidade, no que o filósofo chama de “o minuto mais audacioso e hipócrita da história universal” (Nietzsche, 2007, p.25). Segundo o autor, na guerra da vida selvagem, os animais com menor porte físico e poucas habilidades de caça, usariam da dissimulação para sobreviver no meio, e seria no homem que essa característica encontra seu lugar de destaque. A mentira, o enganar e o saracotear perante outros, seria condição intrínseca da humanidade, e que o impulso moral da verdade como busca essencial é nada mais do que a própria contradição da condição natural, até por quê, para o filósofo, só existem interpretações.

Partindo desse pressuposto, surge o questionamento do que o filósofo tenta tratar ao longo do livro, que é a origem do impulso à verdade, já que a base primária do humano seja a dissimulação. Nietzsche (2007) aborda algumas hipóteses para esse impulso, uma delas é a necessidade que o ser humano tem de viver em rebanho, mas ao mesmo tempo inserido em uma sociedade. Entende-se por rebanho os laços de parentescos e de afetos, e a vida social viria como uma tentativa de lidar com o tédio, para isso, se estabeleceria um “acordo de paz” entre os seres, o qual impõe uma primeira noção de verdade, utilizando a linguagem, primeiramente, para diferenciar a verdade e a mentira. Com isso, se cria o rótulo dos “mentirosos” como divergentes do pacto e com impulsos individualistas, sendo assim, excluídos da sociedade.

Nisso, os homens não evitam tanto ser ludibriados quanto lesados pelo engano. Mesmo nesse nível, o que eles odeiam fundamentalmente não é o engano, mas as consequências ruins, hostis, de certos gêneros de enganos. Num sentido semelhantemente limitado, o homem também quer apenas a verdade. Ele quer as consequências agradáveis da verdade, que conservem a vida; frente ao puro conhecimento sem consequências ele é indiferente, frente a verdades possivelmente prejudiciais e destruidoras ele se indis põe com hostilidade, inclusive (Nietzsche, 2007, p. 30).

No sentido primitivo do impulso à verdade, ao dividir a linguagem em contraposição ao que é mentira, o homem não consegue lidar com as consequências negativas, por conta

da sensação de engano. Essa sensação passa por transmitir uma ameaça à vida em sociedade, e mais diretamente a sua própria vida, e a linguagem se transforma nessa expressão da realidade verdadeira. Embora Nietzsche questione que apenas através do esquecimento é que o homem aceita “uma verdade no grau ora mencionado” (Nietzsche, 2007, p. 30). Aqui é possível identificar a relação dialógica com a filosofia platônica, que trata da verdade como um desvelamento, e que qualquer tentativa de acesso a essa se torna apenas uma representação, e só através do conhecimento se tem acesso ao real objeto.

Diferente de Nietzsche, que vai nas origens do homem para buscar o surgimento do impulso à verdade, Foucault (2001) traz em seus estudos algumas hipóteses que sustentam o problema. Seja na subjetividade, no direito ou nas relações de poder, o filósofo francês ainda considera a filosofia Nietzscheana como base para a formulação dos seus conceitos. Para Foucault (2001), o conhecimento e a posterior noção de verdade não se constituem apenas na natureza e na formação do homem, mas surgem nas relações de dominação. A verdade surge das relações de poder, primeiramente advém do conhecimento oriundo dessas relações, e posteriormente as imposições e a sobreposição de uns aos outros que tornam as verdades aceitáveis a determinados grupos.

Em suas conferências, que depois resultaram em livro, Foucault detalha a história do sujeito de conhecimento e suas relações com o objeto, e sustenta que a própria verdade tem sua história, nascida das práticas sociais, especificamente as de vigilância e controle. Esse sistema de dominação é criador também das subjetividades, e o sistema jurídico, no tocante ao direito penal, é ponto de partida para inúmeras formas de verdade. A ideia de inquérito, em Foucault, é uma forma de instituição da verdade em nossa sociedade, pois a tentativa de desvendar casos e pessoas por trás deles, “que o Ocidente elaborou as complexas técnicas de inquérito, que puderam, em seguida, ser utilizadas na ordem científica e na ordem de reflexão filosófica” (Foucault, 2001, p. 08). Mais adiante, outras práticas jurídicas serviram de base para o estabelecimento de ciências como a psicologia, a sociologia e a psicanálise.

No entanto, a ideia aqui não é apresentar uma análise da origem da verdade em Foucault, Nietzsche ou Platão, ou até seu percurso histórico dentro da filosofia, mas demonstrar a complexidade do problema e as várias hipóteses de formulações e reformulações. Em sua obra *A paixão segundo G.H.*, Clarice Lispector escreve, “A verdade não faz sentido, a verdade do mundo me encolhe” (2009, p. 17), esse pequeno excerto filosófico dentro da obra literária já adianta aquilo que se tenta fazer neste artigo, ou seja, diante de inúmeras questões na natureza ou na sociedade, a verdade pode ser subjetiva.

Assim, outra questão se faz necessária antes da discussão sobre o que é a “verdade ficcional”, que é a abordagem daquilo de que se consiste na ficção dentro da literatura. Davies (2016), logo no início do seu artigo sobre o tema, alerta para os riscos de se encarar a ficção como o extremo oposto da verdade, como se o fictício representasse a falsidade ante as verdades incontestáveis do mundo. Ao seguir por esse caminho, se deixa para trás uma série de singularidades da arte escrita.

Conceituar ficção é quase tão complexo como definir o que é verdade, ainda que entender o que é ficcional se torne um tanto mais palpável, dependendo do olhar que se dê. Antes de pensar em ficção é comum pensar no que é não-ficção, termo geralmente atribuído a biografias, reportagens ou documentários. Partindo dessa delimitação, algumas biografias como de Joyce, por Ellman, ou a de Clarice Lispector, por Benjamin Mosé, derrubam por terra essa afirmação, pois a subjetividade dos biógrafos, a ilusória sensação de objetividade e

a interpretação particular dentro das narrativas deixam a desejar na proposição daquilo que seria a “verdade”.

Então o que se pode chamar de ficção? Saer (2012) esclarece antes de mais nada que “podemos afirmar que a verdade não é necessariamente o contrário da ficção e que, quando optamos pela prática da ficção, não o fazemos com o propósito turvo de tergiversar a verdade” (Saer, 2012, p. 02). O campo da verdade proposta pelas biografias e demais tipos do gênero, se encontram na tentativa de prova da realidade objetiva das coisas, enquanto a ficção se apoia na expressão do subjetivo, sem compromissos morais com a verdade e aberta a mundos possíveis de todas as formas. Além disso, se deve analisar o termo “mundos possíveis”, expressão muito utilizada na filosofia, assim como Carroll (2016, p. 360) definiu ao afirmar “A possible world is standardly a logically possible world, a world without formal contradictions”, ou seja, mundos logicamente possíveis dentro de uma narrativa.

A ficção não é um gênero exclusivo da literatura, é utilizada como base do entretenimento mundial como por exemplo o cinema e a TV. No Brasil, por exemplo, o avanço da televisão se deu com a expansão das telenovelas. Essas narrativas, que muitas vezes são adaptações de romances literários, como *Tieta do Agreste*, *Gabriela* e a *série*. Carroll (2016) ressalta que as distinções entre ficção e não-ficção se entrecruzam, pois muitas vezes se utilizam das mesmas técnicas narrativas, a exemplo da tragédia e da comédia, estruturas usadas tanto por escritores como historiadores ao narrar a jornada do herói em seus textos. O cinema e a TV se entrecruzam entre a realidade e a ficção, assim como a literatura ficcional se propõe a descrever mundo imaginários, especialmente quando serve de base para adaptações como os exemplos citados anteriormente.

Saer (2012) ainda alerta para o conceito de ficção como uma reivindicação com o que seja falso, essa afirmação incorre em dar aos textos ficcionais um teor inverídico, sem compromissos com o leitor ou espectador, com o intuito de ludibriá-los. Esse equívoco incorre em interpretações errôneas sobre a ficção, pois o compromisso desse gênero está em se situar entre o empírico e o imaginário, como sugere o autor. Trazendo a discussão para um contexto brasileiro, tanto o livro *Estação Carandiru*, de Drauzio Varela, como o filme, adaptado do mesmo, se propõem a retratar o massacre ocorrido no presídio localizado na cidade de São Paulo em 1992. O livro se baseia na experiência verídica do médico dentro do local, o que não sugere a realidade 100% contada, pois parte de um ponto de vista subjetivo. Já na adaptação fílmica, o caráter ficcional prevalece, além de “ficcionalizar” cenas contadas do ponto de vista do diretor cinematográfico. O que não significa um compromisso com o falso, mas se situa no paradoxo inevitável do caráter duplo da ficção. “A massa disforme do empírico e do imaginário, que outros têm a ilusão de separar a *piacere* em partes de verdade e falsidade, não deixa ao autor de ficção mais do que uma possibilidade: a de submergir-se nela” (SAER, 2012, p. 03). A ficção não tem o compromisso completo com a realidade, mas deve ser crível enquanto ficção.

Esse desejo não é um capricho de artista, mas a condição primeira de sua existência, porque somente sendo aceita como tal é que se compreenderá que a ficção não é a exposição romanceada de tal ou qual ideologia, e sim um tratamento específico do mundo, inseparável da matéria de que trata. Este é o ponto essencial de todo o problema e há que tê-lo sempre presente caso se queira evitar a confusão de gêneros (Saer, 2012, p. 03).

A ampla abertura de tratamento de diversos temas através da linguagem é o que Saer (2012) denomina como a capacidade especulativa da ficção, por não ter compromisso rígido com a verdade, se transforma em um grande espectro de possibilidades. Por meio dessa liberdade, que não predispõe a uma falsidade indiscriminada, a ficção fantástica na literatura permite que autores como Kafka, Orwell e Garcia Marquéz, para citar alguns, alcancem um nível de crítica e aprofundamento da realidade. Daí surge outro termo denominado por Davies (2016) como “verdade na ficção”, que pressupõe ao que é verdade dentro do mundo narrado, que consiste na construção dos elementos pertencentes a uma determinada história.

Na *Metamorfose* de Franz Kafka, Gregor Samsa acorda de "sonhos intranquilos" como uma espécie de inseto, o que durante toda a narrativa fica subentendido, mas nunca explicado, e muito menos intitulado como uma barata ou outro bicho dentro do enredo. Essa característica impossível no mundo real, se torna aparentemente normal dentro da narrativa, pois nenhum dos personagens se mostra chocado ao ver tal situação, apenas o escondem do mundo. Ao leitor, cabe aceitar essa verdade dentro do texto, possível no mundo construído por Kafka, gerando inúmeras interpretações e mesmo sensações, pois mesmo sendo algo fora da realidade, faz com o que o leitor se identifique de alguma forma e possa fazer correlações com o mundo em que vive.

Outro exemplo da realidade dentro da narrativa é a presença do místico em *Torto Arado*, de Itamar Vieira, que mistura elementos culturais religiosos de um determinado grupo e dá voz a chamada “entidade”, resultando em uma perfeita conexão com a história das irmãs Bibiana e Belonísia. O realismo da escravidão contemporânea sofrido pelas personagens da obra se mistura com o mágico, tornando a ficção um objeto que reflete o mundo atual, mas o faz ficcionalmente como objeto da arte literária. Esse recurso mostra que a “finalidade da ficção não é a de incursionar nesse conflito, e sim fazer dele sua matéria, moldando-o à sua maneira” (SAER, 2012, p.05). Ou seja, a verdade na ficção se utiliza da matéria-prima da verdade, extraíndo dela a liberdade da composição poética, no sentido aristotélico do termo.

Verdade através da ficção em E-imigrações

Davies (2016) apresenta dois problemas iniciais da verdade na ficção logo na introdução do conceito antes de ilustrar com exemplos literários a definição. O primeiro seria que as ficções canônicas são narrativas antes de tudo, e para entender uma realidade presente na obra é necessário compreender o que está sendo narrado, pois por mais que algo seja diferente do habitual, a narrativa utiliza recursos que fazem sentido à compreensão. O segundo problema, e talvez o mais complexo, é a verdade através da ficção, que procura dar sentido a coisas externas à obra. As explicações da realidade são justificadas e apresentadas através do fictício, com elementos da realidade objetiva e observável por todos.

Com isso, na obra digital *E-imigrações*, uma criação literária digital produzida em 2021 por Alckmar dos Santos, Rafael Duarte e Vinícius Rutes, é possível ilustrar o conceito apresentado por Davies (2016) de forma prática, pois inspirada em eventos reais, reflete os resultados e impactos da chegada de imigrantes ao Brasil. A obra utiliza a linguagem das HQ's, a poesia verbal e os recursos audiovisuais e interativos para retratar os processos de deslocamentos de pessoas da Venezuela, Haiti e Síria. Os casos ficcionais abordados na obra, refletem a realidade de milhares de pessoas, e apesar de ser algo “inventado”, como afirma

Davies (2016), essa representação identifica o mundo de forma particular em sentido político e até histórico. Os personagens vindos da Síria, por exemplo, representam a situação emergencial da guerra que assola o país há mais de dez anos, conflito nascido no seio do movimento intitulado historicamente como “Primavera Árabe”, que impactou grande parte dos países de influência muçulmana.

Figura 1 – e-Imigrações. Síria (Captura de tela)



Fonte: e-Imigrações (2021)

Antes de adentrar na ficcionalidade da obra, pode-se separar a diferença do tema em um texto de ficção e um de não-ficção. Partindo de relatos de um dos autores, o professor e poeta Alckmar dos Santos, a inspiração veio da narrativa de um haitiano que migrou para o sul do Brasil ao relatar as dificuldades que esse sofreu para se adequar. No entanto, não se trata de uma biografia do imigrante, mas de criar novos personagens que representam não só o haitiano que inspirou a obra, mas também milhares de outros na mesma posição. Para Davies (2016), dentro de uma narrativa não-ficcional a postura do leitor é a de averiguar se o que o narrador quer transmitir é a verdade, já na ficção há uma abertura para que a verdade na ficção não seja uma crença, mas uma proposição, ou um faz de conta. Ao entrar em contato com esse último, o leitor já emerge na leitura aberto a novas perspectivas do imaginário.

Trata-se de uma obra interativa, onde os caminhos de leitura são escolhidos aleatoriamente pelo leitor, utilizando como suporte de criação um software de produção de jogos, o *Unity*, que proporciona a entrada de menu e informações complementares para intervenção com o mouse. *E-imigrações* além de apresentar as novas possibilidades da ficção, se utiliza também das conexões proporcionadas pelo digital na fruição de uma realidade da obra. Nos três blocos iniciais, a prosa poética narra enredos de cada personagem em seu respectivo país de origem. No tocante ao personagem sírio Ahmed, há a mescla de dados históricos, como o nome real do presidente da Síria, Bashar al Assad, quanto a vida do

personagem e sua subjetividade. A guerra civil da região se transmuta em linguagem poética como no trecho:

O gás é mais leve que o peso do ar e da areia em Aleppo! É o que vejo, posso dizer: Os corpos, amontoava o vento! É só ver: silêncio total. Depois do bombardeio intenso... Bem... mal... o chão iguala a todos: Velhos, novos, grandes, pequenos!... Como paz, é o branco na face?! Não! Só o espanto do momento... (Santos; Rutes; Duarte, 2021)

Iser (2002) propõe a tríade entre a realidade, a ficção e o imaginário para sair da dualidade verdade/ficção que aprisiona o fazer literário entre duas componentes que podem se complementar. Antes de entender como a realidade está presente dentro de uma obra, o sentido se faz na mente de cada pessoa que tem contato com o texto. Dentro disso, o imaginário não se apresenta como algo fantasioso que dá conta da realidade na narrativa, mas também como uma mistura de conhecimento de mundo, percepções e subjetividade do leitor.

Aparece, assim, nesta relação, algo mais que uma oposição, de modo que a relação dupla da ficção com a realidade deveria ser substituída por uma relação tríplice. Como o texto ficcional contém elementos deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário (Iser, 2002, p. 957).

Dentro disso, E-imigrações se utiliza desse imaginário para relatar os processos de deslocamentos de famílias de suas terras natais, usando as ferramentas digitais para propor uma obra multimeios. Não é apenas uma escrita literária, mas uma experiência artística que se desenvolve com os comandos do leitor. A obra conta com trilha sonora original, composta por Daniel Duarte, que acompanha a leitura até o final da história, variando entre temas. A cada família abordada em seu país de origem, o tema instrumental dialoga diretamente com a cultura e etnia, como na retratação das personagens sírias, onde o som remete a temas árabes. Isso acontece não apenas com os recursos auditivos, mas também com as ilustrações que acompanham a narrativa poética. A própria linguagem se alterna na tríplice entre a verdade, a ficção e o imaginário de acordo com os países e seus respectivos personagens.

Já está Juan desperto e bem escondido, Mas não se aquieta a fome e seu sibilo. Por enquanto só quer que a dor se vá enfim. E passe a gana de só chorar. Deixou sua casa longe e sabe o motivo. Qualquer resto já serve P'ro digestivo. No bairro Dolorita nem luz engolem, Mais, é que o ar já basta. “Melhor que a morte” (Santos; Rutes; Duarte, 2021).

Na citação acima, percebe-se o que Davies (2016) explica quando um autor se utiliza de fatos particulares (ficcionalis) na retratação da realidade material e objetiva de um determinado contexto. A experiência descritiva do autor fornece informações que podem ser

questionadas, mas que se apresentam como figuração da vida cotidiana. Iser (2002) define essa forma de se referir à realidade, sem se esgotar nela mesma, como um ato de fingir, pois essa repetição da “realidade” dentro do texto ficcional não é a realidade vivencial do mundo propriamente dito, mas uma transgressão de limites que transforma o real em signo. Seria como se o ato de fingir fosse resultado da equação:

$$\text{Irrealização do real} + \text{realização do imaginário} = \text{Ato de fingir}$$

Entre os atos de fingir, Iser (2002) os categoriza em três linhas gerais: seleção, combinação e desnudamento de sua ficcionalidade. Dentro de cada categoria, há subtemas característicos de cada uma, como a tematização e o relacionamento entre as partes do texto, por exemplo. O primeiro ato de fingir de acordo com o teórico, é a seleção, produto da tematização do mundo pelo autor e a implantação deste na decomposição do mundo ficcional criado. Ao selecionar três países a serem apresentados, os autores da obra se utilizaram desse ato de fingir para recriar o mundo em outra realidade. “A seleção é uma transgressão de limites na medida em que os elementos acolhidos pelo texto agora se desvinculam da estruturação semântica ou sistemática dos sistemas de que foram tomados” (Iser, 2002, p. 960-961). Na obra, os personagens Juan e José, ambos venezuelanos, ilustram a derrocada da vida social e econômica do país vizinho. Juan’s e José’s desembarcam no Brasil todos os dias, com outros nomes, possivelmente, mas que no seio da realidade se tornam tão materiais quanto os personagens da obra. Os autores se utilizam da seleção temática dos atos de fingir a começar pelos nomes dos protagonistas.

Outro ato de fingir, este predominante em toda a obra, é o da combinação, que se faz presente principalmente na poesia, linguagem escolhida para narrar os deslocamentos migratórios na obra narrada em sua totalidade em forma de verso. A escolha lembra uma alusão aos textos clássicos gregos, como por exemplo a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero. Não é comum dentro da literatura digital contemporânea este tipo de narrativa, no entanto, E-imigrações rompe as barreiras conceituais de gênero, fazendo uso da combinação para dar corpo ao texto ilustrado. A obra se baseia na linguagem dos clássicos épicos para narrar a jornada das três famílias no êxodo moderno característico dos anos 2010, com deslocamentos forçados, guerras, fome e crise política. Os temas não são novidades na história literária, presentes desde os primeiros escritos, mas como toda a literatura ocidental, se reinventa por meio dos padrões existentes, lançando novas narrativas e novos padrões. A obra digital bebe na fonte dos clássicos e do mundo atual para através da ficção criar uma representação particular e interativa dentro do gênero ao qual se situa.

É na linguagem poética do texto, inspirada na poesia verbal, que se verifica a combinação como recurso e ferramenta da ficção. Iser ressalta que na combinação como ato de fingir há transformações semânticas das palavras por meios de neologismos ou figuras de linguagem, ferramentas do texto onde as palavras adquirem outras significações. Na poesia esse ato de fingir aproxima palavras diferentes em um mesmo contexto e na rima propicia novos significados através da sonoridade. A cadência do som em algumas passagens de E-imigrações reproduz na poesia barulhos de tiro, bombas explodindo e faz das palavras um recurso a mais no entendimento do contexto das cidades abordadas, que apesar de existirem na vida real, são ficcionalizadas na obra.

O som cria elementos de significado e conjuga palavras com a trilha, como pode ser observado nos trechos: “Neste mundo cruel, sou eu que escolho se é inferno ou céu”; “Na agulha e na linha, o fio da vida ela viu: seu fim... e sozinha”; “Lá em Karimao country, tudo está calmo: as aves nas gaiolas cantam seus salmos” (Santos; Rutes; Duarte, 2021). A semântica das palavras nas frases ganha outros significados dentro da obra. Nos dois primeiros períodos que narram a vida de uma personagem haitiana sem nome, portanto considerada irrelevante, só acentua o contexto geral da marginalização das pessoas, relegadas à solidão e ao desamparo. As palavras *cruel* e *céu*, que em outro contexto não fariam sentido, são combinadas no relato que narra a vida como ela é (cruel), e como ela poderia ser (céu), esta última como metáfora possível para um paraíso idealizado principalmente nas religiões cristãs, predominante na América do Sul. Já na terceira afirmação, as palavras *calmos*, se referindo às aves, e *salmos*, referentes aos cantos dessas, se combinam em rima criando uma relação do cantar dos animais com o contexto bíblico. Na realidade do mundo, pássaros não cantam salmos, mas para obter o significado figurado da poesia, os autores utilizam a combinação no texto ficcional.

Antes de voltar ao conceito de verdade através da ficção, de Davies, se faz necessária a exemplificação dentro da obra do terceiro ato de fingir, o desnudamento da ficcionalidade, essencial na compreensão teórica. Este se apresenta como uma forma que o texto ficcional possui de se apresentar como se fosse a realidade, semelhante a ela, mas sem o ser. Iser (2002) utiliza a constante *como se* para designar essa terceira categoria, que é uma junção da seleção e da combinação para que o texto ficcional crie caminhos reconhecíveis de sua ficcionalidade. Para isso, o desnudamento assinala duas coisas:

Em primeiro lugar, significa para o destinatário da ficção que ela deve ser tomada como tal. Além disso, afirma que aqui domina a hipótese de que há de se supor como o mundo é representado apenas para que assim se mostre que é representação de algo outro. Sucede por fim uma última transgressão de que o texto provoca no repertório de experiências dos receptores; pois a atividade de orientação provocada se aplica a um mundo irreal, cuja atualização tem por consequência uma irrealização temporária dos receptores. (Iser, 2002, p. 982)

Em E-imigrações, as três famílias deslocadas que ao final da história convergem no mesmo destino, no caso o Brasil, não são nada mais do que parênteses postos que transgridem a realidade, apresenta características de representatividade, mas se trata de um mundo irreal, com personagens criados utilizando as ferramentas dos textos ficcionais. Outro fator importante a se destacar são as ilustrações que acompanham a narrativa, que acentuam a semântica do texto. Em determinado momento, uma imagem do personagem Juan caindo sobre bandeira do Brasil, mostra não só o desembarque controverso, ilegal, mas também uma metáfora de engolimento do personagem, possível apenas nos artifícios da ficção. O círculo que representa o céu brasileiro se transforma na ilustração em uma boca aberta com dentes pontiagudos prontos para receber o personagem e literalmente engoli-lo. A marca imagética aliada ao texto, peculiar nesse tipo de narrativa, faz uso da ficção na realização de atos possíveis apenas na ficção, e é neste trecho que se percebe a presença do *como se*, mencionado por Iser (2002) na obra.

Outra peculiaridade é a imersão do leitor dentro do texto, causando uma experiência representativa do mundo possível apenas em obras produzidas por meio de softwares. Ao navegar por E-imigrações, o leitor adentra no texto com o auxílio do mouse, com zoom in e zoom out em cada estrofe. Em alguns trechos, a linearidade de leitura tradicional, da esquerda para a direita, também é subvertida, com a narração acontecendo na horizontal, vertical, da direita para a esquerda e vice-versa, há múltiplos caminhos. O primeiro passo no entendimento desse tipo de narrativa é aceitar sua ficcionalidade com recursos multimídia, entendê-la como tal, para que se possa transgredir esses limites e extrair da obra toda sua potencialidade.

Além disso, Iser (2002) pontua que a ficção do *como se* desperta reações nos receptores provocadas pela sua atividade de representação. Na obra aqui analisada, se tem um detalhe importante na indução dessas reações que são primeiramente emocionais, ou seja, a trilha sonora. Os temas que acompanham a leitura auxiliam a aguçar emoções como raiva, medo, pena, solidão, etc. No trecho específico que relata os personagens sírios, além do trecho conter elementos como a cadência da música árabe, também há sons que simulam tiros, explosões e correria que podem instruir inúmeras sensações que se diferenciam de pessoa para pessoa no fazer da leitura.

Ao avançar pela obra, é necessário questionar sobre o funcionamento da verdade extra-ficcional contida em E-imigrações. Em contrapartida ao que se baseia na veracidade dos fatos, os imigrantes personagens representam de certa forma um conhecimento do mundo real e da situação em que vivem. Davies (2016) revela que os autores incorporam seus livros em um ambiente real, para que as histórias possam se conectar de alguma forma com o leitor e fazer com que a leitura aconteça com o mínimo de ligação entre as partes. Apesar de uma obra se propor a ser o mais distante possível da vida real, ainda assim ela se apresenta com o mínimo de semelhança, como é o caso das narrativas fantásticas. Mesmo que se passando em um universo paralelo, a organização social, modos de vida e principalmente a subjetividade, fazem com que o leitor se conecte de alguma forma, vivenciando a leitura como experiência. É o que o autor denomina como "conhecimento afetivo", que é a responsabilidade atribuída à literatura, de prover às pessoas aquilo que elas não encontram em suas vidas comuns, mesmo que em outros universos, galáxias ou países e realidades diferentes da sua.

Em contrapartida, não interessa ao leitor de ficção identificar se os personagens Juan, José ou Ahmet, apresentam a realidade do mundo sem questionamento, mas, "em vez disso, declarações temáticas em ficções literárias são corretamente vistas como dispositivos para organizar e produzir esteticamente uma estrutura interessante na narrativa" (Davies, 2016). Um dos possíveis argumentos desse pensamento é que o imaginário proporcionado pela narrativa não somente gera conhecimento material sobre o tema das migrações a partir de suas consequências, mas funcionam de forma reflexiva sobre, acima de tudo, a questão humana, usando o maior trunfo da ficção que é conseguir isso enquanto entretém.

Conclusão

A literatura digital se tornou uma corrente investigativa interessante nos últimos anos, contribuindo com infinitas possibilidades de leitura e escrita de livros aliado à comunicação tecnológica. É evidente que essa forma de escrever e ler revolucionou de forma prática as

estruturas e a padronizada linearidade dos textos. No entanto, para além dos modos de se fazer esse tipo de literatura, atenta-se aqui ao próprio conteúdo de uma obra desse tipo, ultrapassando a sua estrutura para verificar o que a assemelha com outros tipos de obras literárias: a sua ficcionalidade. Há a transgressão do óbvio, que seria investigar sua estrutura diferenciada, para analisar o também óbvio em um livro, sua narrativa. Nessa busca se encontra um resultado que não é tão óbvio assim, como a história contada no digital.

E-imigrações não é apenas uma obra para leitura em computador, mas é fruto de pesquisas, construções de linguagens e mescla de um mundo ficcional ampliado não só com o uso da linguagem, matéria-prima da literatura, mas aliando outras artes em sua feitura. Verifica-se que a obra faz uso dos atos de fingir ao selecionar, tematizar e criar um mundo ficcional com o auxílio das figuras de linguagem possíveis da poesia e das imagens que auxiliam o enredo. A narrativa se propõe a contar histórias de vida separadas geograficamente, sem ligação alguma, mas que convergem em um mesmo ponto, caracterizando as possibilidades da ficção de agrupar, selecionar e particularizar temas a serem retratados.

Há a presença evidente do mundo real no tema central da narrativa, mas este não aprisiona a obra, pelo contrário, faz dela uma transgressora. Os limites são ultrapassados não apenas com o texto, mas se potencializam com os recursos midiáticos que abrangem outras artes, o que converge em uma experiência completa de leitura. É necessário dizer que ao citar a estrutura multimidiática, não se está fazendo uma alusão aos méritos de obras desse tipo, mas apenas exemplificando as diferenças em relação a livros impressos em papel ou apenas digitalizados. Os recursos auxiliam na construção do mundo ficcional, potencializando seus efeitos, mas sem serem fatores exclusivos de diferenciação na análise.

Por fim, E-imigrações parte do mundo real para aliar verdade, ficção e imaginário em um mesmo contexto e faz uso do que Davies (2016) cita como experimentos mentais ou experiência de pensamento para jogar com possíveis formas de ler. A leitura, a interação e os recursos multimidiáticos da obra necessitam que o leitor assuma diferentes posturas conectadas as suas decisões mentais do que fazer com a obra. Além de literalmente jogar com o leitor cognitivamente, a experiência com a obra também possibilita conhecimento de mundo, ampliação de significados e identificação afetiva. Esse jogo cognitivo possibilitado pela ficção de E-imigrações é uma porta aberta a ser ampliada em futuras investigações.

Referências

DAVIES, David. Fictional truth and truth through fiction. In: CARROLL, N., GIBSON, J. **The Routledge Companion to Philosophy of Literature**. Routledge: New York/London, 2016

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**, (tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes... e. tal. J.) Rio de Janeiro: NAU Editora., 2002.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da literatura e suas fontes**. Vol 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** 1ªed. Rio de Janeiro: Rocco.2009

SAER, Juan José. **O conceito de ficção**. Revista Fronteira Z, São Paulo, n. 8, julho de 2012

PLATÃO. **A República**. 7.ed. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**. (Tradução Fernando de Moraes Barros). São Paulo: Editora Hedra. 2007.

SANTOS, Alckmar; DUARTE, Rafael; HENNING, Vinícius Rutes. **E-imigrações**. Curitiba. Editora Inverso. 2021. Disponível em <https://www.editorainverso.com.br/livro-digital>. Acesso em 16.Abr.2024.